

## JÚLIA FETAL

*Cândida Galeno*

Quando estivemos em julho de 1957 na Bahia, participando do 3.º Congresso Brasileiro de Folclore, fomos visitar um dia a Igreja da Graça, no que fomos acompanhada por Sarah Fiusa Leão. Levou-nos a esta visita o desejo de ver os túmulos de Paraguassu e de Júlia Fetal.

A direita de quem entra defrontamo-nos com a «Sepultura de D. Catarina Alvarez Paraguassu Senhora que foi desta Capitania da Bahia a qual ela e seu marido Diogo Alvarez Correia natural de Vianna derão aos Senhores Reis de Portugal edificou esta capela de N. Sra. da Graça e a deu com as terras anexas ao patriarca S. Bento em o ano de 1582.»

A esquerda, fronteiro ao túmulo de Paraguassu, está o de Júlia Fetal, construído em mármore português, onde lemos a seguinte inscrição: «Restos mortais de D. Júlia Clara Fetal — 20 de abril de 1847». Em letras negras o soneto de Adélia de Castro Fonseca está em pedra a desafiar o tempo e a contar aos pósteros o amor infeliz da moça bahiana. O soneto reza assim:

*Estavas bela Júlia descançada  
Na flor da juventude e formosura,  
Desfrutando as carícias e ternura  
Da mãe que por ti era idolatrada.*

*A dita de por todos ser amada  
Gozavas sem prever tua alma pura  
Que por mesquinho fado à sepultura  
Brevemente serias transportada...*

*Eis que de fero algoz a dextra forte  
Dispara sôbre ti Júlia querida  
O fatal tiro que te deu a morte.*

*Des olhos foi-te a luz amortecida  
E do rosto apagou-te iniqua sorte  
A branca, viva côr, com a doce vida.*

Rememoremos em rápidos traços a história dêste crime romântico do qual foi protagonista um moço de 23 anos, professor do Liceu — Dr. João Estanislau da Silva Lisboa, e a vítima dêsse amor de perdição, uma das mais belas jovens do seu tempo — Júlia Fetal.

Conta Pedro Calmon no seu livro «A Bala de Ouro» que «o crime do Dr. Lisboa impressionou fundamente a cidade. Falaram dêle os jornais, em muitos artigos, os poetas em muitos versos, o povo em infindáveis conjecturas, o presidente da província na sua mensagem oficial. Não houve na terra fato mais discutido, mais estudado, mais esmaltado de côres sentimentais e lendas românticas».

Júlia era filha de um comerciante português, João Batista Fetal, e de uma senhora francesa, Júlie Fetal. Morava com sua mãe, viúva e dona de razoável fortuna, num sobrado da Rua de Rosário, onde mais tarde residiu a família de Castro Alves e nasceu Adelaide, irmã do poeta d'OS ESCRAVOS.

Educada com esmero Júlia aprendeu piano-forte, gramática francesa, religião, létras, pintura, bordado. Teve que aprender inglês, e o Dr. Lisboa foi convidado a ensiná-lo «em aulas espaçadas, a severa sra. Júlia admirando-lhe à distância o aspecto grave, as maneiras corretas, a sua linguagem...»

A sorte da bela Júlia estava lançada com o aparecimento daquele novo professor em sua vida, pois, à medida que as aulas avançavam, um amor silencioso e apaixonado, sacudido de sobressaltos e angústias, foi tomando vulto, terminou por empolgar completamente o mestre e transformou-se numa dolorosa obsessão. Amor correspondido pela aluna, pelo menos a princípio, uma vez que surgiu a idéia de casamento e sobreveio o noivado ao findar 1846.

Eis que surge com 1847 esbelto estudante em férias, quintanista do Recife, com modos distintos, aspecto romântico, uma carreira invejável a esperá-lo e Júlia começa a dar-lhe atenção.

Personalidade doentia, a aparição do «outro» veio de flagrar no Dr. Lisboa um amor intolerante, um ciume cego que por fim o enlouqueceu e levou ao grande desatino.

«Correu mesmo que puzera na pistola uma bala de ouro encomendada a um ourives da cidade baixa, para honrar ainda nisto a ingrata... A bala de ouro, comenta Pedro Calmon adornou esta história lamentável; foi nela um brinco de cortezia triste; abrochou-a como uma jóia, último presente que

lhe alojou no coração...» Matou a amada com uma bala de ouro, diz a lenda...

Quando foi do julgamento, a cidade ficou dividida em dois partidos: os liberais com as suas gazetas e os seus poetas defendiam o professor, enquanto os conservadores não o perdoavam — era crime que merecia a pena de morte.

Condenado pelo júri a 14 anos de prisão com trabalho, «não lhe tiraram a vida, contentaram-se em suprimir-lhe a mocidade».

Uma vez no cárcere, o Dr. Lisboa voltou a ser professor, instado por dezenas de jovens que requereram ao presidente da província permissão para ouvir suas lições no Barbalho — estava transformada a masmorra em escola. «Voltou mansamente o Dr. Lisboa aos seus hábitos de estudo; restaurou devagar as forças dissipadas; reviveu no bulício dessas aulas extemporâneas. Delas se desatou pela cidade um eco musical».

Cumpriu a pena até o último dia e, quando em 1861 saiu da fortaleza o temível sujeito que para ali entrara em 1847 com a malícia da sociedade a desejar-lhe a força, transfigurara-se. Saiu do cárcere para dirigir o Colégio S. João, como símbolo de disciplina, de ordem, de ciência e de honra. Admirado por todos, «os pais respeitáveis tinham honra em confiar-lhe os filhos para que lhes ensinasse inglês, geografia, grego, história», e outros o convidavam para padrinho dos filhos recém-nascidos. Moniz Barreto cantou o fato nestes versos:

*Honra ao padrinho, ao Lisboa,  
Cujo peito varonil  
Nas asas da fama vê  
Dentro e fora do Brasil!  
Honra ao bahiano brioso,  
Ao ilustre criminoso,  
Ao grande mártir do amor,  
Da pátria o belo ornamento  
No estóico sofrimento,  
No saber, no pundonor.*

A recuperação havia sido completa. Só a mocidade e o coração não ressurgiriam nunca mais dos escombros fatídicos daquele amor de perdição...